



Moisés Naím mnaím@ceip.org

As crises que tiram o sono do mercado

REUTERS/ZOHRA BENSEMRA - 9/2/2024



Manifestantes protestam após eleição ser adiada no Senegal

Todos estamos preocupados. Mas as preocupações da sra. Buch deveriam nos deixar ainda mais preocupados. Afinal de contas, esta alta funcionária do Banco Central Europeu foi recentemente encarregada da tarefa muito delicada de regular os bancos e outras entidades financeiras no continente. Como sabemos, de vez em quando surge uma crise econômica, fazendo com que muitos percam as suas poupanças e forçando bancos e governos a tomar medidas altamente impopulares. Embora o foco da sra. Buch e da supervisão bancária da sua equipe esteja na Europa, o sistema financeiro internacional está tão interligado que as decisões dos reguladores europeus afetarão os bancos em todo o mundo. E seus clientes.

Há alguns dias, em seu primeiro discurso público, Claudia Buch alertou que os bancos não são imunes a “acontecimentos inesperados” e novos riscos: “Muitas das questões que dominam hoje as manchetes eram inconcebíveis uma década atrás”. A funcionária insistiu que “há uma grande incerteza quanto ao impacto que os conflitos geopolíticos, as alterações climáticas e as tendências demográficas e a digitalização surtirão — e que já nos obrigam a mudar a maneira como produzimos e consumimos”.

O que fazer? “Complacência não é uma opção”, disse Buch, acrescentando que “nós vi-

mos em tempos de incerteza. Mas resignação ou medo não são bons guias para lidar com a incerteza”.

INSATISFAÇÕES. Tem razão. Mas mesmo que complacência possa ser uma tentação para políticos, banqueiros ou empresários, não é para as centenas de milhares de pessoas que todos os dias, em alguma cidade do mundo, saem às ruas para protestar, bloquear estradas, “ocupar” espaços públicos e privados. Protestos de rua sempre existiram, mas têm se tornado cada vez mais frequentes e as suas motivações têm sido mais variadas. Sabemos disso graças a Thomas Carothers e Brendan Hartnett, pesquisadores do Fundo Carnegie para a Paz Internacional, um instituto de análise com sede em Washington (a organização a qual pertencem).

Carothers e Hartnett desen-

volveram um rigoroso sistema de coleta de dados que “rastrea” e documenta protestos em todo o mundo. Desta maneira, nos informam que 2023, o último ano para o qual existem dados disponíveis, foi particularmente chocante: “novos pro-

Não só o número de países onde há protestos aumentou, mas as razões são mais diversas

testos surgiram em 83 países, da China à República Democrática do Congo, do Iraque à Macedônia do Norte. Sete países que não tinham registrado protestos significativos nos últimos cinco anos entraram no grupo em 2023: Dinamarca, Polinésia Francesa, Moçambique, Noruega, Irlanda, Suriname e Suécia. O rastreador de protestos revela que não só o número de países onde as pessoas vão às ruas e praças aumentou, mas as razões pelas quais elas protestam são mais diversas.

Algumas das maiores manifestações foram em defesa da democracia. Especificamente em reação a mudanças no sistema judicial e alterações no sistema eleitoral que visam a concentrar o poder em chefes de governo e seus aliados. Em 2023, vimos manipulações antidemocráticas desse tipo na Polônia, em Israel, na Nigéria, em Moçambique e em outras partes. Uma surpresa ocorreu na Guatemala, onde uma nova coligação de grupos sociais e indígenas conseguiu garantir que Bernardo Arévalo, o vencedor das eleições, pudesse assumir controle do governo apesar dos esforços dos seus adversários para impedi-lo.

ECONOMIA. Mas não foi somente a política. A economia e suas consequências sociais também alimentaram protestos. A inflação foi o denominador comum do ativismo de rua no Paquistão, em Portugal e na Eslovênia. Em Gana e na Nigéria, a

escassez de produtos básicos tornou-se fonte intensa de conflito social.

A má qualidade dos serviços públicos costuma ser gatilho de protestos populares. Carothers e Hartnett relatam como exemplo que, em 2023, mais de uma centena de manifestações motivadas pela má qualidade do serviço de fornecimento de eletricidade ocorreram na África do Sul. Outra motivação importante para protestos dos cidadãos é o aumento da criminalidade, da insegurança pessoal e da proliferação de gangues armadas e violentas que traficam drogas e pessoas, além de extorquir indivíduos e empresas. As deficiências nos serviços de saúde e educação, nos transportes e na limpeza urbana, e a má qualidade das obras públicas contribuem para a crescente frustração dos cidadãos. O resultado, em nível global, é o mesmo: sociedades expostas a ondas de instabilidade crescentes.

Nossa era pende entre os riscos das altas finanças que preocupam líderes como Claudia Buch e os redemoinhos de rua que sacodem cada vez mais cidades em todo o mundo. A turbulência que nos envolve vem ao mesmo tempo de cima e de baixo e configura uma realidade nova, inédita e incerta, cujas consequências acabamos de começar a conhecer. ● **TRADUÇÃO DE AUGUSTO CALIL**

É ESCRITOR VENEZUELANO E MEMBRO DO CARNEGIE ENDOWMENT

Rússia

Corpo de Navalni tem hematomas e sinais de convulsões, diz jornal

MOSCOU

O corpo do opositor russo Alexei Navalni apresenta sinais de hematomas e convulsões, segundo informações do jornal russo *Novaya Gazeta Europa*, especializado em jornalismo investigativo e criticado pelo regime do presidente Vladimir Putin.

Citando o funcionário de uma ambulância em Salekhard, cidade próxima à prisão onde Navalni morreu (na sexta-feira, 16), no *Ártico*, e para onde o corpo teria sido levado, o jornal diz que a equipe médica percebeu a presença de hematomas no corpo e o paramédico apontou que este tipo

de lesão ocorre por conta de convulsões. Também haveria sinais de que os médicos da prisão tentaram ressuscitar Navalni, mas ele teria morrido de parada cardíaca.

As dúvidas sobre a causa da morte persistem e não se sabe quando as autoridades liberariam o corpo. Mais de 12 mil pessoas pediram ao governo russo para que os restos mortais do ativista fossem entregues a seus familiares, disse ontem o OVD-Info, organização russa de direitos humanos.

A equipe de Navalni disse no sábado que o político foi assassinado e acusou as autoridades de protelar deliberadamente a liberação do corpo.

A viúva de Navalni, Iulia Na-

valnaia, se encontrará hoje em Bruxelas com chanceleres da União Europeia, segundo o chefe da diplomacia do bloco, Josep Borrell. Ela acusa Putin de ser responsável pela morte e pediu união internacional para derrubar seu “regime aterrorizante”.

LULA SE PRONUNCIA. Em Adis Abeba, na Etiópia, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que não se deve tirar conclusões precipitadas. “Eu acho que é uma questão de bom senso, se a morte está sob suspeita, nós temos de fazer uma investigação para saber do que o cidadão morreu”, declarou Lula, durante participação na cúpula anual da União Africana. “Para que essa pressa de acusar alguém?”, questionou.

Lula foi o primeiro membro do Brics, grupo que reúne Índia, China, Rússia e África do Sul, a se pronunciar sobre a morte de Navalni. ● **AFP e AP**

Guerra na Europa

Ucrânia diz que Rússia tenta avançar no leste do território para além de Avdiivka

As tropas russas lançaram ontem múltiplos ataques a oeste da cidade de Avdiivka, em uma tentativa de ganhar mais terreno no leste da Ucrânia, de acordo com um porta-voz do Exército de Kiev. Os soldados ucranianos, em desvantagem numérica e material, se retiraram no sábado da localidade. Horas depois, Moscou reivindicou controle total da cidade, em seu primeiro grande avanço territorial desde maio de 2023. A batalha por Avdiivka tem sido, com a de Bakhmut, uma das mais sangrentas desde o início da invasão há dois anos. ●

América Latina

Milhares protestam contra o governo em ‘marcha pela democracia’ no México

Milhares de manifestantes vestidos de rosa marcharam por cidades do México ontem, no que chamaram de “marcha pela democracia”. Os protestos foram convocados pelos partidos da oposição que defendem eleições livres e justas após uma reforma eleitoral promovida pelo governo.

As manifestações ocorreram no mesmo dia em que Claudia Sheinbaum se registrou oficialmente como candidata pelo partido no poder, Morena. As eleições serão em 2 de junho. ●



MARCO UGARTE/AP